

MÃOS DE NAUFRAGO

Romance collaborado pelos seguintes escriptores: D. Julia Lopes de Almeida — Goulart de Andrade — Conde de Affonso Celso — Augusto de Lima — Humberto de Campos — Oscar Lopes publicado nos dias uteis n'A Folha, e com seuuimento aos Domingos aqui n'O Jornal.

Quem bate? perguntou uma voz solurna do interior do predio.

Umberto tremeu tanto que o H despregou-se do seu nome. Embora corajoso, aquelle quem bate, grave o inquiridor, trouxe-lhe a lembrança do tempo em que elle batia cartellas nas ruas da capital. Quia fugir... Não poudo... As suas pernas tremiam, dentro das calças, como se fossem varas verdes. Pelo seu cerebro assustado passou, cêlere, uma revonda de sobresaltos. Existiria alguem ali dentro daquello predio? Aquelle quem bate seria humano? Ou Rogerio estaria lá dentro, *in spiritu*, esperando-o para um ajuste de contas? A' essa idéa os seus calcanhares formigaram; seus pés, como que impellidos por duas fortes molas, arrancaram-se do solo, e Umberto, nos pulos, levantando poeira da 2ª série, desabalou escadarias abaixo á gritar: São azar... São

azar...

Elle corria como um gamo perseguido por matilha adestrada... De Voluntarios da Patria, entrou elle pelo corte da rua Farani, deu quatro voltas em torno do Stadium do Fluminense, tropeçou pela rua das Laranjeiras abaixo, subiu Bento Lisboa, Tavares Bastos e projectou-se, num salto georgewashiano, em plena rua do Ouvidor. Ah! da estreita arteria populosa até o seu aneurisma, o largo do S. Francisco, para que não percebessem a sua fuga, do instante a instante, elle fazia uma parada brusca na carreira, olhava para o ar como quem procura a numeracao de um predio, e *Viz!*, alto, affirm de ser ouvido pelos transeuntes que passavam:

-- Onde é o 60?... Será pegado ao 71?...

Todos olhavam-no a sorrir... O seu aspecto era o de um *camelot* e, Umberto, por essa forma, conseguia chegar, esfofadiSSimo, ao seu quarto, no Andaraby Grande. Novas surpresas o esperavam e novas sobre-saltos o assustariam... No seu comodo cattivera alguem!!!... Mas como poderia ter-se dado essa anomalia? Elle levára a chave do trinco no bolso da caroula... A porta abria-a elle, antes de entrar... Mas aquelle *chêtro* à arruda não lhe era estranho no olfacto... Sorla d. Rosaura? ou o padre Maurício? ou outros ao mesmo tempo que all tinham estado?

Uma tonaz de duvidas apertava-lhe a cabeça exhausta... Os seus miólos tinham qualquer coisa de Pélleas et Mélisande... E a poltrona mappia virada de pernas para o ar, por cima da galola do papagalo? E o moringue quebrado? E o colchão por cima dos lençóis? Tudo indicava que o seu quarto servira de arena á uma luta titânica, homerica, gigantesca.

Umberto não podia raciocinar... Perdera a cabeça... Instintivamente, começou a pôr em ordem o seu interior. Agitou as palpitantes do seu coração; chegou a cama ao seu lugar; juntou os vases do mingueiro com a ponta do pé esquerdo; enxugou com o lenço a água entornada no tapete, e, quando ia revirar o colchão, recuou, lívido, até o fundo do quarto, sussurrando, apavoradamente:

— O bidé!... O bidé aberto!!!...

Ele desmaiou.

De dentro da cuba, sinistras, duas mãos crispadas surgiam... Seriam as mãos de um naufrago? O que teria acontecido à Mi-quellina?

JOÃO SEM TELHA.

MÃOS DE NAUFRAGO

Romance collaborado n'A Folia, em os dias uteis, pelos illustres escriptores: D. Julia Lopes de Almeida — Conde de Affonso Celso — Oscar Lopes — Humberto do Campos — Augusto de Lima — Goulart de Andrade, e aos domingos, n'O Jornal, pelo João Sem Felha.

Umberto empallideceu. Aquelle homem perguntando se elle era o Dr. Umberto Sobral engasgava-o de pavor. Elle podia pensar em tudo menos que um estranho o conhecesse pelo seu proprio nome. A sua cabeça rodava como um pião, mas Umberto appareceu como um peão, mas Umberto apparentando calma arriscou:

— Eu lhe disse que o meu nome era Umberto Sobral, não foi?

— Perfeitamente; é a pessoa que eu procuro, retrucou, polidamente, o sujeito.

— Mas o interessante é que eu, sendo de facto o Umberto Sobral talvez não seja o Umberto Sobral que o senhor procura.

— ?!...

— Eu lhe explico. O senhor, naturalmente deseja falar com o Humberto Sobral, não é assim?

— E', sim senhor.

— Pois então, o cavalheiro está redondamente enganado. O senhor anda á cata do Humberto Sobral e eu sou Umberto Sobral, sem H. Eu logo vi que havia equívoco...

O detetive, estava abobalhado de espanto.

— ...

Recitou um passo atraz; tirou o chapéo da cabeça, e numa reverencia submissa, desculpou-se:

— Quelra perdoar-me cavalheiro pelo engano...

E retirou-se, enquanto, Umberto, ao ver o polleia pelas costas, soliloqueava:

— Eu sou um "bleho"... Tapelo qualquer "sherlock".

E Padre Maurício? Onde estaria elle? No Leme ou no Leblon? Flavia, assim, conjecturava quando o vadio reverendo lhe entrou pelo boudoir e, dentro, suando como uma caldeira em ebullicão.

— Que calor! minha filha, que calor! Vm á pé da Egrejinha, até aqui ás Laranjeiras, disse o padre abanando o rosto com a barra da batina.

— Descanse um pouco, padre Maurício, tornou Flavia offerecendo-lhe uma cadeira de braços.

O vigário olhou para a cadeira e, recusou com polidez:

— Nesta eu não me posso assentar, minha filha.

— Por que? indagou Flavia curiosa.

— Porque é feminino e tem braços, menina... As tentações...

Flavia desmalou, rolando para baixo da batina.

O que teria acontecido? Onde estaria Felismina?

João Sem TELHA.

Mãos de Naufrago

"Romance collaborado n'A FOLHA, em os dias uteis, pelos illustres escriptores: d. Julia Lopes de Almeida, Gonçalo de Andrade, conde de Affonso Celso, Augusto de Lima, Humberto de Campos e, aos domingos, pelo João Sem Te-lha, n'O JORNAL.

Houve dois silencios entremelados de um barulho, na casa da rua dos Voluntarios.

Era d. Laurentina que entrava pulando o muro do vizinho.

Flavia que estava pallida como uma ou duas chinezas, levantou os olhos para a recém-vinda, e disse-lhe, friamente:

— Como vae, d. Laurentina?

— Como Deus quer, menina Flavia...

— Ahn! fez a moça.

— Ahn! suspirou d. Rosaura.

— Pois é... o que lhe digo... confirmou d. Laurentina esfregando a orelha com o bico do sapato, á cata de novidades.

— É o que foi que a senhora disse? inquiriu Flavia, mela curiosa, a torcer um nó na sua mela do fio de Escocia.

— Que vou indo como Deus quer...

— Mas foi, então, Deus quem a mandou vir hoje aqui nos visitar? perguntou Flavia com ingenuidade.

D. Laurentina sorriu vermelho, mostrando as gengivas rubras, inteiramente desguarnecidas de dentes, enquanto dona

Rosaura, encabulada, enflava os olhos no fricot, olhando com a agulha para a visita.

— D. Laurentina. Eu queria um favor da senhora, supplicou, então Flavia, metendo o dedo no nariz da visita.

— O que ha de ser, menina?

— E' que a senhora fosse ver se eu estou lá na esquina.

— Era só isso? Pois não, meu amor, acquiesceu a boa senhora.

E levantou-se para cumprir a commissão, dirigindo-se para a porta da rua...

— Adeus, d. Rosaura, gritou d. Laurentina já no portão.

— Adeus, d. Laurentina...

— Adeus, menina Flavia, gritou da calçada a boa matrona.

— Adeus, d. Laurentina... Olhe, chamou-a Flavia a sorrir.

— Que é, menina? tornou a commissiõnada.

— Se encontrar um pão de breu...

— O que faço? perguntou a prestativa senhora.

— Guarde-o para a senhora, que é meu.

— Obrigada, menina...

— Não ha de que...

E d. Laurentina partiu, célere, a cumprir a commissão, enquanto d. Rosaura e Flavia iam se preparar para esperar Umberto na porta da Mãe Louise.

FIM

Dois annos depois, em Ostende, Flavia, a sombra de uma grande e frondosa mangueira, olhava o mar, espiando o busto esbelto de Umberto, que surgia de quando em quando, elevado pelas ondas. Radamés, a seu lado, coçava a pulgada, frenetico, saudoso do Brasil, onde os cães

tomam banho nas praias com as famílias.

O céu era muito azul. Nem um farapo de nuvem toldava a saphyra clara do firmamento.

— Menina Flavia... Oh! menina Flavia... Faz favor.

— D. Laurentina! sussurrou Flavia, admiradíssima... A senhora por aqui?...

— É verdade... Vim como emigrante.

— Fazer o quê?

— Um cangerê...

Flavia desmaiou; Radamés, espantado, engasgou-se com um pulgão, e Umberto, dentro d'agua, percebendo a perobica senhora, afogou-se só para não a aturar.

E as mãos do naufrago desapareceram para sempre...

João Sem TELHA.